

A presença das mulheres nos *Colóquios* de Garcia de Orta: Um contributo imprescindível para o conhecimento da flora indiana¹

Teresa Nobre de Carvalho

CHAM – Centro de Humanidades, FCSH, Universidade Nova de Lisboa (Portugal)

E-mail: tercarvalho@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5294-4068>

<https://dx.doi.org/10.5209/rcha.95577>

Recibido: 16 de abril de 2024 • Aceptado: 28 de octubre de 2024

PT Resumo: Desde finais do século XV que chegavam à Europa promissoras notícias sobre os povos, as riquezas e os contornos geográficos da longínqua Insulíndia. Alguns europeus que viajaram até Goa, detiveram-se a observar os costumes e tradições locais nos quais as mulheres surgiam como protagonistas. Presença quotidiana na sociedade luso-goesa, as mulheres canarins, para além de zelarem pela guarda das tradições indianas eram fiéis depositárias dos segredos sobre os usos alimentares e curativos da flora local. Ciente da riqueza dos saberes de que eram detentoras, Garcia de Orta (c. 1500-1568) não prescindiu de incluir uma presença feminina em *Colóquios dos Simples*. Tornando cada cena que descreveu, como uma representação da sua vivência em Goa, registou nos seus diálogos, os usos locais dos legumes, frutos e vegetais indianos, testemunhados e transmitidos pelas empregadas, compradeiras ou cozinheiras. O presente ensaio analisa a oportunidade da presença de cada uma das personagens femininas inscritas em *Colóquios dos Simples*, obra que o médico português publicou em 1563, em Goa.

Palabras-chave: *Colóquios dos Simples*; tradições locais; botânica asiática; Goa; século XVI.

ENG The presence of women in the Garcia de Orta *Colloquies*: An essential contribution to the knowledge of Indian flora

Abstract: Since the end of the 15th century, Europe had been receiving promising news about the peoples, riches, and geographical contours of faraway Insulinde. Some Europeans who traveled to Goa observed local customs and traditions in which women emerged as protagonists. A daily presence in Portuguese-Goan society, indigenous women, in addition to safeguarding Indian traditions, were faithful guardians of secrets about the food and healing uses of the local flora. Aware of the wealth of knowledge they possessed, Garcia de Orta (c. 1500-1568) did not fail to include their presence in *Colóquios dos Simples*. Turning each scene described as a representation of his experience in Goa, he recorded in his dialogues the local uses of Indian vegetables and fruits, witnessed, and transmitted by the maids, « *compradeiras* » or cooks. This essay analyzes the presence of each female character included in *Colóquios dos Simples*, a work that the Portuguese doctor published in 1563, in Goa.

¹ Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), I.P., no âmbito do projeto UIDB/04666/2020–<https://doi.org/10.54499/UIDB/04666/2020>

Keywords: *Colóquios dos Simples*; local traditions; Asian botany; Goa; 16th century.

Sumario: 1. Introdução. 2. Empregadas na casa de Garcia de Orta. 3. Mulheres sábias, curadoras ou pacientes. 4. Notas finais. 5. Referências bibliográficas.

Cómo citar: Nobre de Carvalho, T., (2024), A presença das mulheres nos *Colóquios* de Garcia de Orta: Um contributo imprescindível para o conhecimento da flora indiana, em *Revista Complutense de Historia de América* 50(2), 439-455.

1. Introdução

Em 1563 saiu nos prelos goeses, a primeira e única obra de cariz científico publicada pelos portugueses no Oriente no século XVI. Da autoria de Garcia de Orta, o volume divulgou os mais atualizados conhecimentos sobre os produtos orientais e a matéria médica asiática.

Formado nas universidades de Salamanca e de Alcalá de Henares, o físico confrontou o saber fixado nos compêndios médicos que estudou nas instituições peninsulares com os conhecimentos aferidos no Oriente, ao longo dos seus quase 30 anos de experiência clínica e mercantil². Ciente da necessidade de revelar, de forma adequada, as notícias de cariz científico, estratégico e comercial que, desde que Vasco da Gama chegara a Calicute, circulavam nos relatórios, cartas e sumas coligidas pelos agentes régios, Garcia de Orta, apoiado pelas elites portuguesas destacadas em Goa, assumiu a sua divulgação³. Registou as suas conclusões em *Colóquios dos Simples e Drogas e Coisas Medicinais da Índia*, obra inovadora que veio a alcançar grande difusão, graças às versões em latim e em vernáculo que dela foram publicadas ao longo do século XVI⁴. Os conteúdos plasmados no volume publicado em Goa serviram também de base para outros tratados médico-botânicos e itinerários publicados na Europa até finais do século⁵. Inspirados nos resultados das investigações orientais conduzidas, em Goa, por Garcia de Orta, estes volumes trouxeram ao Velho Mundo novas descrições das mercadorias orientais para além amplas novidades relativas à utilidade medicinal da natureza asiática. No Ocidente como no Oriente, circulavam notícias sobre as qualidades alimentares, têxteis ou terapêuticas de muitas plantas indianas. Ciente da relevância deste saber, no início de Seiscentos, o cosmógrafo Manuel Godinho de Erédia dedicou ao Vice Rei Rui Lourenço de Távora a *Suma de árvores e plantas da Índia intra Ganges*. Neste herbário que permaneceu manuscrito até ao século XX e que incluiu as primeiras imagens coloridas das plantas indianas realizadas por um português, inscreveu muitas das frutas e plantas de uso medicinal descritas nos *Colóquios* de Orta⁶.

Em *Colóquios dos Simples*, Garcia de Orta descreveu as conversas fictícias entre dois médicos peninsulares que designou *Ruano* e *Orta*⁷. Tendo sido colegas durante a formação universitária, estes interlocutores haviam-se separado no final dos estudos e, passados quase 30

² Como adiante se comprova, para além de proprietário de um barco, Garcia de Orta revela em *Colóquios dos Simples* a sua participação no negócio de pedras preciosas e de drogas asiáticas. Para notas sobre a biografia de Garcia de Orta, ver: Boxer, 1963; Carvalho, 2015a ou Loureiro, 2008.

³ Sobre o apoio das elites à publicação de *Colóquios dos Simples*, ver: Barreto-Xavier, 2014; Carvalho, 2015b y 2016; Županov – Barreto-Xavier, 2015.

⁴ Sobre a difusão dos conteúdos de *Colóquios dos Simples*, através das edições de Clusius, ver, entre outros: Egmond, 2007; Lopes, 2006; Pardo Tomas, 2016.

⁵ Referimo-nos às obras de Fragoso, 1572; Costa, 1578; Bontius, 1589; Linschoten, 1997 [1596]. Sobre o legado de Orta, ver ver, entre outros: Loureiro, 2021.

⁶ Erédia, 1612. Sobre esta obra, ver: Erédia, 2001; Baboi, 2022; Couto 2023.

⁷ Sobre os diálogos de Ruano e Orta, ver: Županov, 2009a e 2015: 49-66; Pimentel – Soler, 2014: 101-120; Carvalho, 2022.

anos, reencontravam-se em Goa, cidade onde o primeiro acabava de desembarcar e o último há muito residia⁸. A obra divide-se em 59 capítulos organizados por ordem alfabética. Estes descrevem outras tantas conversas entre os dois médicos. Cada colóquio é maioritariamente dedicado ao estudo de uma droga, especiaria ou mercadoria oriental⁹. Alguns descrevem plantas “novas” e frutos locais¹⁰. Apesar de, ao longo da obra, Garcia de Orta se ocupar de produtos com qualidades medicinais, em alguns capítulos, o médico dedicou-se a detalhes que, não sendo relativos à medicina, interessavam a Ruano¹¹. A curiosidade sobre a generalidade do mundo natural asiático surgiu, aliás, sublinhada pelo interlocutor recém-chegado e descrita desde o início da obra:

Ruano: Saiba que, posto que vim cá porque tenho parte nesta nau em que veio meu cunhado por feitor, bem pudera escusar com a sua vinda, dele, a minha a esta terra. Mas [vim] porque tenho grande desejo de saber das drogas medicinais (as que chamam lá em Portugal de botica) e dest’outras mezinhas simples que cá há, ou frutas todas, e da pimenta. Das quais coisas queria saber os nomes em todas as línguas, assim das terras donde nascem, e das árvores ou plantas que as criam, e assim queria saber como usam delas os físicos indianos. E também queria saber dalgumas outras plantas e frutos desta terra, ainda que não sejam medicinais, e assim dalguns costumes desta terra, ou coisas que nela aconteceram. E porque todas estas coisas hão-de ser ditas na verdade, e vistas por vós ou por pessoas dignas de fé¹².

Assim, ao longo das suas conversas, Orta deu a conhecer ao seu colega as notícias e segredos sobre a natureza asiática que conseguira apurar desde a sua chegada a Goa. Os diálogos dos dois eruditos foram, no entanto, interrompidos pela entrada em cena de outros interlocutores que, como adiante veremos, introduziram novos elementos nas conversas. Deste modo, partindo dos diálogos entre os médicos peninsulares, Orta descreveu múltiplos episódios da vida dos portugueses destacados na capital do *Estado da Índia*¹³. Através da sua narrativa, o leitor pode familiarizar-se com o espaço onde o médico viveu e conhecer outras figuras com quem se cruzava no quotidiano. Neste grupo que com ele dialogava, encontravam-se barqueiros¹⁴, rendeiros¹⁵, comerciantes¹⁶ e

⁸ Colóquio 1º: 50-51. No presente ensaio recorri à edição de *Colóquios dos Simples* publicada pelo Círculo de Leitores em 2018 e que passarei a referir como Colóquio nº. Quando necessário indicarei as páginas em causa.

⁹ Alguns colóquios, como por exemplo, o do “Do aloés”, “Da canela, da cássia lignea e do cinamomo, que tudo é uma coisa”, “Do gengibre” ou “Do cravo”, que analisam apenas uma droga asiática. Outros diálogos, como “Do cálamo aromático e das cáceras”, “De duas maneiras de cardamomo e das carandas”, “Da datura e dos duriões” ou “Da pimenta preta e branca, e longa e canarim; e dos pêssegos”, associam o estudo de uma especiaria à descrição de um fruto local.

¹⁰ É o caso, do colóquio “Do [sic] árvore-triste”, “Das duas maneiras de ervas contra as câmaras...”, “Que trata da jaca e dos jambolões, e dos jambos e das jangomas”, “Do mungo e do melão-da-índia, a que cá chamamos pateca”, “Dos mirabólanos”, “Dos mangostães”, “Do negundo, ou sambali” ou “Do nimbo”.

¹¹ Ver, por exemplo: “Do colóquio do ber, que são as maçãs que cá usamos, e dos brindões, e dos nomes e apelidos dos reis e senhores destas terras. E é colóquio que não serve a coisa alguma da física, mas põe-se aqui a pedimento do Dr. Ruano para dar passatempo aos que em Espanha o lerem” ou “Do ebur, ou marfim, e do elefante. E é colóquio que não faz para física, senão para passatempo”.

¹² Colóquio 1º.

¹³ Sobre a Goa quinhentista, ver: Linschoten, 1997: 144-148. Para estudos, sobre a imagem da Goa quinhentista, ver: Lach, 1994, [1965], t. I; Santos, 1999; Barreto-Xavier, 2008. Para uma breve história das representações de Goa na literatura coeva, ver, entre outros: Subrahmanyam, 1997; Curto, 1997.

¹⁴ “Servo: Senhor, é Simão Toscano, vosso rendeiro de Bombaim, e traz este cesto de mangas para que apresenteis ao Governador; e diz que, como amarrar a fusta, virá logo cá pousar”. Colóquio 34º: 262.

¹⁵ “Serva: Um homem está ali que traz recado do rendeiro de Bombaim. Orta: Venha cá! Capitão: Estas cartas me deu o vosso rendeiro, e este cesto de jangomas”. *Ibidem*: 227

¹⁶ “Orta:[...] E estando uma tarde no bazar (a que nós chamamos “praça” ou “feira”), assentado à porta de um mercador (aos quais eles chamam “baneanes”), passou por sua porta uma mulher com um saco de *turbit* já seco e lho vendia; e eu, como conhecia a mezinha e havia ouvido dizer que dali o levavam para as nos-

lapidários¹⁷, e criadagem diversa, de entre a qual Orta distinguiu, para além das servas¹⁸ e moças¹⁹, os moços²⁰ e pajens²¹, as escravas²² ou as negras²³. Nas conversas com Ruano, o interlocutor Orta descreveu uma ampla rede de informadores com os quais mantinha contacto regular. Era a eles que o médico encomendava notícias sobre drogas, especiarias e outros produtos orientais, nomeadamente, a sua origem, mercados e rotas de distribuição; os preços de transação e formas de acondicionamento; as qualidades e principais aplicações, entre muitas outras informações relevantes para o comércio de tão valiosas mercadorias. Estes agentes do terreno que Orta entrevistou ou a quem adquiriu produtos exóticos, reflectiam a densa teia de colaboradores que Orta geria a partir de Goa. Muitos destes colaboradores –feitores, vedores, pilotos, missionários, mercadores, soldados ou marinheiros– permaneceram anónimos²⁴.

Para além destes interlocutores masculinos destacaram-se, no texto, diversas mulheres que, com o seu conhecimento das plantas indianas, contribuíram para a construção do saber divulgado pelo médico. Para além destas, muitas outras personagens femininas compareceram na obra, ilustrando os espaços, saberes e costumes que caracterizavam o quotidiano dos portugueses de Goa. A análise destas presenças parece-nos bastante relevante e, quanto a nós, tem sido pouco realçada nas pesquisas recentes. Na verdade, apesar de, nas últimas décadas, a personalidade de Garcia de Orta e a sua obra terem despertado um crescente interesse por parte dos investigadores²⁵, o estudo deste aspecto tem sido descurado²⁶. De entre os diversos tópicos de análise relevados, destacam-se: origens judaicas e redes familiares do médico²⁷; estudos e formação académica peninsular²⁸; patronos e contexto da edição goesa²⁹; fontes manuscritas e impressas consultadas³⁰; informadores e contactos de Orta³¹; desafios e metodologia de trabalho³²; recepção de *Colóquios dos Simples* na Europa e seu impacto no mundo ibérico³³.

sas naus, perguntei ao baneane que era aquilo [...]. Eu lhe perguntei para que o comprava e para que aproveitava; disse-me que aproveitava para purgar o ventre e que era havida por boa mezinha, a qual levavam para Arábia e para Ormuz os mercadores nas suas naus. E ele me perguntou se lho queria comprar, e louvava-o muito, dizendo que o olhasse, e com isto me mostrava a gomosidade dele e a brancura", *Ibidem*: 369.

¹⁷ “Serva: Está aí micer André Milanês, o lapidário”. *Ibidem*: 190.

¹⁸ A presença destas “servas” encontra paralelo nas moças do *Auto da Índia* (1509) de Gil Vicente. Verdadeiros elos de ligação entre o mundo exterior e interior, estas mulheres zelavam pela organização e privacidade da casa dos seus patrões. Sobre este tópico, ver: Carvalho, 2008.

¹⁹ “Moça, traze cá tamarinho em conserva”. *Colóquio* 53º: 363.

²⁰ “Serva: Está aí um moço dos frades de São Franci[s]co com um cesto”. *Ibidem*: 223.

²¹ “Serva: Um moço está ali, que traz um recado. Orta: Venha! Pajem: D. Jerónimo lhe manda pedir que queira ir visitar seu irmão, e há-de ser logo, ainda que não sejam horas de visitação, por ser perigo na tar-dança, e que lhe fará muita mercê em o fazer”. *Ibidem*: 166.

²² “[Ruano:] Segue-se o gengibre, que nos dias de peixe nos dá sabor às mesas e excita o apetite com as saladas feitas dele em conserva (a que as vossas escravas chamam *achar*), e parece-me que isto foi para rectificar o peixe; e está escrito pelos nossos doutores”. *Ibidem*: 216.

²³ “[Ruano:] Gabam muito estas vossas negras uma árvore que dizem que nós lavamos aqui sempre os pés com o cozimento dela, e dizem que aproveita para tantas coisas que estou pasmado”. *Ibidem*: 280.

²⁴ Como refere no *Colóquio* 12º, o médico não tinha facilidade em deixar a cidade. Para conseguir recolher notícias sobre a natureza indiana, recorreu a uma teia de informadores constituída por homens e mulheres da sua confiança. Sobre estas redes, ver: Loureiro, 2012; Carvalho, 2013 e 2019.

²⁵ Para uma revisão historiográfica recente, ver: Brentjes, 2016.

²⁶ Uma primeria abordagem a este tópico foi sugerida por Carvalho, 2008: 165-174.

²⁷ Arrizabalaga, 2016; Lourenço, 2018 y 2021; Lourenço – Mateus – Vieira, 2019.

²⁸ Pimentel – Soler, 2014: 101-120; Soler – Pimentel, 2015: 89-106.

²⁹ Carvalho, 2016 y 2021.

³⁰ Loureiro, 2008; Orta, 2024: 499-504.

³¹ Loureiro, 2012; Carvalho, 2013 e 2015a.

³² Županov, 2009a e b.

³³ Lopes, 2006; Egmond – Hoftijzer – Visser, 2007; Carvalho, 2011; Pardo-Tomas, 2016.

Continua, assim, por realizar uma reflexão mais aprofundada sobre a perspectiva proposta neste ensaio. Este estudo, recorrendo, sobretudo, a elementos extraídos de *Colóquios dos Simples*, pretende clarificar o que terá levado o médico a intercalar as vozes femininas nas conversas entre Ruano e Orta. Partindo de uma análise genérica sobre a presença de empregadas e moças na casa do médico, o artigo avalia depois o interesse de Orta sobre os saberes detidos pelas mulheres canarins. Reflecte, finalmente, sobre as alusões de Orta a alguns costumes e tradições locais protagonizados pelas mulheres e que lhe permitiram descrever alguns costumes da sociedade luso-goesa de Quinhentos.

No final da presente análise, parece oportuno sugerir que a presença das mulheres em *Colóquios dos Simples*, mais do que uma mera representação de figurantes anódinas, constituiu um elemento imprescindível para atestar a vivência e prática do médico português na longínqua Goa e permitiu comunicar, aos portugueses destacados no Oriente e aos leitores europeus, muito do saber tácito que Orta registou durante a sua prolongada vivência asiática.

2. Empregadas na casa de Garcia de Orta

Como nos explica Fátima da Silva Gracias, na sociedade de Goa, a população feminina era de origem diversa³⁴. Do ponto de vista religioso, havia mulheres “cristãs” e “não cristãs”. Estas últimas, que constituiriam a larga maioria, eram sobretudo de religião hindu ou muçulmana. Já as mulheres “cristãs” eram *reinois* (mulheres de portugueses, órfãs do Rei ou aventureiras vindas de Portugal), *castiças* (nascidas, na Índia, filhas de pais portugueses) ou *mestiças* (filhas de pai português e de mãe nativa) e as mulheres nativas cristianizadas.

Na presente análise, não se pretende caracterizar os mundos das mulheres portuguesas e orientais. Muitos cronistas e viajantes coevos testemunharam a divergência dos hábitos da população feminina portuguesa e canarim³⁵. Orta não se deteve sobre este aspecto, dedicando a sua atenção ao saber de que as últimas eram guardiãs. Ciente do valioso papel das mulheres na sociedade luso-goesa, Orta cedeu-lhes protagonismo na construção do novo saber. Na verdade, em *Colóquios dos Simples* a diversidade de interlocutoras que entraram em cena sugere esta relevância da presença da mulher indiana no quotidiano e da sua importância na preservação de tradições locais.

Enquanto inseridas numa cultura amplamente consumidora de aromas e incensos, as mulheres canarins e (algumas) portuguesas residentes em Goa davam largo uso a especiarias como o betre (*Piper betle* L.), o cravo (*Zyzygium aromaticum* L.), a pimenta (*Piper* L.) ou o gengibre (*Zingiber officinarum* L.); e estupefacientes como a datura (*Datura* L.) ou o banguê (*Cannabis* L.) mas também a mercadorias valiosas como marfim e pedras preciosas ou ainda a produtos fortemente aromáticos. Para além destas drogas e especiarias, as mulheres canarins também sabiam tirar partido das qualidades de numerosos flores, frutos, legumes e vegetais indianos que Orta desconhecia. A observação e clarificação das propriedades dos alimentos e mezinhas que preparavam poderiam permitir ao médico proporcionar aos seus convidados e pacientes receitas e formulações mais adequadas ao clima e aos hábitos de vida em Goa. Em *Colóquios dos Simples*, Garcia de Orta descreveu usos de frutos, legumes e verduras locais que, ao longo da sua experiência asiática, constatou promoverem um equilíbrio saudável dos fluidos corporais³⁶ e propiciarem uma melhor adaptação ao clima local³⁷.

Garcia de Orta referiu ainda alguns dos hábitos adquiridos por algumas mulheres portuguesas que viviam em Goa. Tal foi o caso do consumo, em fresco ou conserva, de frutos e legumes

³⁴ Gracias, 1994.

³⁵ Sobre este aspecto, ao longo dos séculos XVI-XVII, destacaram-se os testemunhos de viajantes como Linschoten, 1997 [1596]; Laval, 1998 [1608-1610]; Valle, 1650-1658; Tavernier, 1675; Mannuci, 1705 [1698-1699].

³⁶ Recorde-se que, ainda no tempo de Garcia de Orta, vigorava a ancestral Teoria dos Humores, segundo a qual a saúde de cada indivíduo corresponderia ao equilíbrio dos seus fluidos corporais, a que se atribuíam pares de qualidades: sangue (quente/húmido), linfa (fria/húmida), bílis amarela (quente/seca) e bílis negra (fria/seca). Estes humores seriam produzidos, respetivamente, no coração, cérebro, fígado e baço. Competia aos médicos manter o equilíbrio entre estes humores. Para expulsar o humor em excesso, os físicos recorriam a dietas, purgas, sangrias, ventosas ou à administração de clisteres ou medicamentos preparados localmente.

³⁷ Sobre o equilíbrio entre a natureza e o corpo, ver: Grove, 1991; Županov, 2002; Cagle, 2018.

indianos; a adopção de práticas locais como o mastigar do betre³⁸ ou do cravo ou ainda o uso de aromas e de águas cordiais como, por exemplo, a de cravos verdes³⁹. Apesar de se referir às portuguesas, Orta não as fez participantes activas dos diálogos entre os médicos⁴⁰.

A casa do interlocutor *Orta* foi palco da maior parte das conversas entre os colegas ibéricos⁴¹. Nesta provável “casa de sobrado” –uma tipologia comum nas casas dos portugueses de elite– as conversas entre os médicos fluíam, no gabinete, na sala ou na varanda do 1º andar, o andar nobre⁴² (Figura 1). No piso térreo mantinha-se a criadagem e os serviços de apoio à casa, tal como descreveu Ramponi:

As casas têm um só pavimento sobradado, sendo as paredes de terra endurecida e com argamassa, colocando-se os blocos uns por cima dos outros, e por fora são revestidas e branqueadas, com uma massa feita de casca de ostras, que é uma espécie de cal branca como a neve; tão branca que, na verdade, passeando na cidade, com o sol muito brilhante, aquela brancura ofende grandemente a vista [...] no pavimento térreo vivem os servos e escravos negros e por cima vivem os patrões [...] os telhados são em forma de bico e as telhas de barro vermelho são postas como escamas de peixe, o que não é nada desagradável de ver [...]⁴³.



Figura 1 – Casa de elites portuguesas de Goa⁴⁴.

- ³⁸ “Ruano: Muito usada coisa é essa, e parece que é o principal mantimento da terra. E há-o em todas as partes? E quando é o tempo mais usado para o mastigar? Orta: Principalmente quando vão os homens a falar a alguma pessoa de qualidade o levam mastigando na boca, por fazer bom cheiro. E é entre eles tão aborrecido cheirar mal o bafo, que [se] falam os menores com alguma pessoa de autoridade, têm a mão diante da boca um pouco afastada, por lhe não dar mau cheiro; e assim, a mulher que há-de tratar amores nunca fala com o varão sem que o traga mastigado na boca primeiro; e assim têm elas que para as bodas de Vénus é principal alcoviteiro”. *Ibidem*: 401.
- ³⁹ “Orta: [...] e fazem as mulheres portuguesas que lá moram água estilada dos cravos verdes, e é muito cheirosa e muito cordial, e seria boa para levar ao Reino”. *Ibidem*: 213.
- ⁴⁰ “Orta: O anfião é o que chamamos ópio, e dele vos direi a seu tempo; e agora vos satisfarei com dizer-vos que coisa é o banguê, *scilicet*, a árvore e a semente. Antónia, dá cá o que mandei trazer! Antónia: Eis aqui a árvore das pequenas, e vedes aqui a semente que dá, e também vede o que se vende na botica feito, porque tudo me mandastes que tivesse junto”. *Ibidem*: 92. De entre as interlocutoras apresentadas por Garcia de Orta, apenas uma tem nome próprio: Antónia. (Colóquio 8º e 12º). Seria alguma familiar? Alguma portuguesa, governante da casa dos Solis-Orta? Garcia de Orta não nos esclarece mas fica a questão.
- ⁴¹ Silva Carvalho deduziu das declarações da irmã do médico, Catarina de Orta, que esta proferiu durante o interrogatório do Santo Ofício, que a família viveria na Rua dos Namorados; a rua que, segundo Silva Carvalho apurou, cruzava com a Rua do Crucifixo. Ver: Carvalho, 1934: 89. Para um estudo aprofundado deste processo inquisitorial, ver Lourenço – Mateus – Vieira, 2018.
- ⁴² Sobre a tipologia dos edifícios em que vivam as elites portuguesas de Goa, ver: Carita, 1995: 60-70: 1995. Sobre os interiores e o seu recheio, ver: Matôso, 1940.
- ⁴³ Azevedo, 1956: 277-317.
- ⁴⁴ Fonte: Linschoten, 1596. BNP- elz 275_0175_t24 – C-R0150. A maioria dos diálogos entre Orta e Ruano ocorreu em diferentes divisões do primeiro piso da casa. Em alguns colóquios, os interlocutores conversavam na varanda, enquanto observavam as árvores do pomar ou o movimento de embarcações no rio.

Era na casa de Orta que circulava muita da criadagem que, directa ou indirectamente, participou nos *Colóquios*. Em diversos capítulos, Garcia de Orta incluiu as mulheres no grupo dos interlocutores. Ocupando lugar ao lado dos médicos peninsulares, estas servas, moças e empregadas destacavam-se nas conversas dos físicos⁴⁵.

Como abaixo se apresenta, Orta distinguiu os diferentes afazeres das mulheres que trabalhavam na sua casa. Havia as encarregues de atender à porta, as que se ocupavam das tarefas domésticas e da cozinha, as que diariamente compravam produtos frescos, as que traziam e levavam recados e as que o ajudavam na organização da sua botica pessoal⁴⁶.

2.1. Apresentar visitantes

Em diversos colóquios, a intervenção das empregadas limitou-se à apresentação de visitas⁴⁷. Longe de ser uma função menor, o juízo destas mulheres sobre a oportunidade da entrada (ou não) de cada visitante, sugere a sua preocupação com o bem-estar do patrão. Para moços⁴⁸, servas de outras casas⁴⁹, agentes de Orta⁵⁰ ou físicos locais⁵¹, estas empregadas surgiram em cena, informando o médico da presença de um forasteiro, acrescentando um elemento clarificador sobre a sua pessoa: “Serva: Está aí micer André milanês, o lapidário”⁵² ou “Serva: Um homem está ali que traz recado do rendeiro de Bombaim”⁵³. Esta pequena nota descritiva atesta uma inquirição prévia dos visitantes e a tomada de uma decisão relativamente à pertinência, ou não, da sua passagem ao gabinete onde os médicos trabalhavam. Esta triagem prévia revela a autoridade que era conferida por Orta às suas empregadas, que lhes permitia seleccionar, entre os muitos que certamente bateriam à sua porta, aqueles a quem seria concedido acesso aos aposentos privados. Para além destes episódios, Orta testemunhou outras situações em que atestava a confiança que tinha nas suas empregadas, pedindo-lhes produtos que tinha trazido da botica e que ainda estavam na sua “algiebeira”⁵⁴ ou confiando-lhes a “chave”⁵⁵ que abria a gaveta do móvel contador onde se encontravam mercadorias valiosas.

⁴⁵ Como adiante se demonstra, as empregadas surgiram de forma activa em quinze dos cinquenta e nove Colóquios: 8°, 12°, 17°, 18°, 20°, 21°, 23°, 26°, 27°, 28°, 36°, 39°, 43°, 53°, e 54°.

⁴⁶ Para além das drogas de origem vegetal, animal e mineral amplamente divulgados pelos textos antigos, a botica de Garcia de Orta incluiria produtos novos, muitos de origem local, cujas qualidades aprendeu ao longo da sua extensa prática clínica em Goa. Ver: Friedenwald, 1941; Gaitonde, 1983; Mathew, 1997; Pearson, 2001: 100-113; D’Cruz, 2009. Sobre esta ampla circulação de produtos e saberes no Oriente português, ver: ainda Mathew 1996; Pearson, 1996.

⁴⁷ Em diversos colóquios, as servas entravam em cena para apresentar algum visitante. “Serva: Um moço está ali que traz um recado”. Colóquios 17°: 166; Serva: Está aí micer André Milanês, o lapidário”. *Ibidem*: 190; “Serva: Está aí um moço dos frades de São Franci[s]co com um cesto”. *Ibidem*: 223; “Serva: Um homem está ali que traz recado do rendeiro de Bombaim”. *Ibidem*: 227 e “Serva: Aqui vem todas as manhãs [Malupa] a curar estas negras, e ei-lo, sobe”. *Ibidem*: 370.

⁴⁸ “Moço: Eis aqui as ervas que pedistes”. *Ibidem*: 224 e “Orta: Moço, vai ver que dois navios são aqueles que entram. Já os vi daqui desta varanda, e parecem coisa pequena”. *Ibidem*: 261.

⁴⁹ “[Serva:] À minha senhora deu datura a beber uma negra da casa, e tomou-lhe as chaves e as jó[ri]as que tinha ao pescoço [e] as que tinha na caixa, e fugiu com outro negro. Mercê me fará em a ir socorrer! Orta: Como sabeis isso? Serva: Porque já tomaram a negra no Passo Seco, e acharam-lhe a metade das jóias, e ela confessa que deu outra metade a seu amigo, que vai por Agaçaim. Pode ser que seja também já tomado.” *Ibidem*: 180.

⁵⁰ “André: Quereis vender a vossa esmeralda grande ou a pequena? Porque ambas vos farei comprar, porque a mais pequena é mais fina”. *Ibidem*: 190.

⁵¹ No Colóquio 54°, entrou em cena o Dr. Malupá que diariamente tratava as empregadas de Garcia de Orta. Apesar de, muito provavelmente, desconhecer os tratamentos que o físico efectuava, Garcia de Orta respeitava o seu saber e permitia as suas práticas em sua casa.

⁵² Colóquio 21°.

⁵³ Colóquio 28°.

⁵⁴ “Orta: Moça, traze cá aquelas folhas que trouxe da botica na algiebeira”. *Ibidem*: 200.

⁵⁵ “Orta: Moça, dá cá aquela chave! Serva: Ei-la aqui. Orta: Tira o pano atado com pedras grandes”. *Ibidem*: 307.

2.2. Colaborar no trabalho do médico

Em diversas conversas Orta descreveu a participação das mulheres na discussão dos médicos. Para tal, dirigiu-lhes pedidos concretos⁵⁶ ou esclarecimentos relativos a algum produto “novo”⁵⁷. Se, em algumas situações, a intervenção das empregadas se limitou a um “Ei-la aqui”⁵⁸ noutras, as suas locuções acompanharam as dos médicos ibéricos como por exemplo, quando a serva esclareceu “Vedes aqui o açafão verde e o seco, *silicet*, a raiz”⁵⁹. Esta colaboração das serviçais de Orta na construção do saber médico-botânico revelou-se, aliás, de uma imensa originalidade já que o físico fez ecoar a voz de gentes simples, desconceituadas do ponto de vista social e cultural, no registo de um novo saber que seria enviado às mais destacadas elites europeias⁶⁰. Assim, neste seu trabalho de prospeção de saberes relativos às drogas do Oriente, o médico, não se limitou a atestar a sua própria experiência mas deu ênfase aos usos práticos das mulheres que trabalhavam na sua casa⁶¹. Mas Orta confiou também nas servas de outros portugueses, como as de D. Jerónimo, para o informar acerca do estado clínico de um paciente⁶². Não só as mandou aplicar curativos e preparar mezinhas e dietas⁶³ como, com a fórmula de despedida, as responsabilizou pelo acompanhamento da evolução do estado de saúde do doente⁶⁴.

2.3. Preparadoras de conservas, caldas e acares

Muitos dos produtos frescos apresentados por Orta pereciam no curto prazo. Os frutos, legumes e hortícolas precisavam, por isso, de ser preparados em conservas ou em “achar”⁶⁵. Estas

⁵⁶ “Orta: Moça, dá cá o bote [sic] da cânfora de Bornéu”. *Ibidem*: 117, “Orta: Moça, leva esta receita ao boticário, que faça isto muito depressa; e vós outras tende cuidado de me ir dar conta do que passa”. *Ibidem*: 182, “Orta: Moça, traz cá aquelas folhas que trouxe da botica na algibeira”. *Ibidem*: 300, “Orta: Traze-lha, moça, amostra!” *Ibidem*: 219, “Moça, traze cá esse melão ou pateca!” *Ibidem*: 274, “Orta: Mandar-vos-ei aqui trazer pedra arménia logo. Moça, dá cá aquela chave”. *Ibidem*: 307, “Moça, traz cá tamarinho em conserva!”. *Ibidem*: 363, “Orta: Moça, chama a Malupa”. *Ibidem*: 370.

⁵⁷ “[Ruano:] Gabam muito estas vossas negras uma árvore que dizem que nós lavamos aqui sempre os pés com o cozimento dela, e dizem que aproveita para tantas coisas que estou pasmado. Orta: Parece-me que nesta horta está. Venha cá a negra que o gaba. Moça! Serva: Que manda vossa mercê? Orta: Que árvore é esta que gabas muito. Serva: É negundo”. *Ibidem*: 288.

⁵⁸ Em reposta a pedidos formulados pelo médico, a intervenção “Ei-la aqui” surge nos Colóquios 12°, 23°, 26°, 43°, 53°.

⁵⁹ Colóquio 18°.

⁶⁰ Sobre o recurso ao testemunho de agentes locais na construção do novo saber científico, ver, entre outros: Leitão – Sánchez, 2017.

⁶¹ Recorde-se que, no hospital de Goa, observando o trabalho de enfermeiros e discutindo com físicos indianos, Garcia de Orta testemunhou os usos e qualidades das plantas locais. Apesar de não termos dados que nos permitam afirmar que Garcia de Orta estava familiarizado com textos médicos em sânscrito, Orta reconhecia a eficácia das mezinhas ali preparadas na cura de doenças locais. Ver, por exemplo: “Ruano: Vós não me confessais que tomais algumas coisas deles [médicos indianos]? Orta: Sim, muitas, mas primeiro provo as mezinhas dos meus doutores; quando me não aproveitam, tomo as dos brâmanes desta terra”. Colóquio 36°. Sobre o uso de práticas e saberes locais nos hospitais de Goa, ver: Figueiredo, 1984; Walker, 2009 y 2016; Bastos, 2011: 185-211.

⁶² “Pajem: D. Jerónimo lhe manda pedir que queira ir visitar seu irmão, e há-de ser logo, ainda que não sejam horas de visitação, por ser perigo na tardança, e que lhe fará muita mercê em o fazer”. *Ibidem*: 166. Desconhecemos a identidade deste D. Jerónimo. Pertenceria, provavelmente, à elite portuguesa destacada em Goa.

⁶³ No Colóquio 17°, perante um paciente com cólera, Garcia de Orta diz às empregadas de D. Jerónimo: “Orta: Façam-lhe muito asinha um vomitivo de água cozida com cevada e cominhos e açúcar, porque os acho muito bons para esta paixão. O cristel será de cozimento de cevada e farelos, e óleo rosado e mel rosado coado, e os óleos para se untar serão de castóreo e de ruda, porque têm respeito ao veneno, tudo misturado. E acerca do comer da casa, estilem uma galinha gorda, tirando-lhe primeiro a gordura que tem, e deitem-lhe dentro umas talhadas de marmelos, e se os não acharem frescos, sejam de conserva, lavados primeiro com vinho branco, e lancem-lhe uma pouca d’água de canela e rosada, e coral e ouro”. *Ibidem*: 168.

⁶⁴ “Orta: E não esqueça[m] levar-me recado do que passa”. *Ibidem*: 168.

⁶⁵ No “Glossário” do volume *Arte de cozinha*, da autoria de Domingos Rodrigues lê-se “Achar: Molho que servia para conserva a alguns peixes, carnes e vegetais, feito com vinagre a ferver, canela inteira, pimenta,

receitas, em calda de açúcar ou em vinagre e sal, eram feitas na sua cozinha e/ou chegavam a casa do médico provindo das mais diversas origens. Tal foi o caso do “pote de cânfora [Bornéu]”⁶⁶, da “jarra de gengibre [de Bengala]”⁶⁷ ou da conserva de noz moscada [da Banda]”⁶⁸. Em Goa, a preparação destas receitas e de outras iguarias estaria, muito provavelmente, sob a alçada de cozinheiras e ajudantes que, na sua cozinha, preparavam as conservas, pasteis, caldos ou pickles. Deste modo, recorrendo às suas práticas e tradições, as empregadas de Orta contribuíam com o seu saber para a diversificação de manjares, petiscos e mezinhas que o médico poderia propor aos seus convidados ou aplicar na dieta e cura dos seus pacientes⁶⁹. Estes preparados de vegetais e de frutos locais que Garcia de Orta e os seus hóspedes degustavam, na medida em que eram provenientes da região, proporcionavam uma maior conexão com os ambientes, climas e hábitos locais⁷⁰.

3. Mulheres sábias, curadoras ou pacientes

Nas cozinhas de Orta trabalhava a cozinheira que aconselhava Ruano sobre a cura do mal das gengivas⁷¹ ou que informava sobre o uso da canela (*Cinnamomum zeylanicum* L.)⁷². Este saber prático fascinava o recém-chegado e confirmava a circulação das tradições canarinas na casa de Garcia de Orta. A cozinha seria, aliás, o local onde todas as decoções, emulsões, conservas ou caldos eram preparados. Fervendo longas horas ou cozendo em lumes brandos, as ervas, frutos, especiarias e plantas locais fervilhavam sob o olhar atento e sábio das cozinheiras e suas ajudantes que mantinham a dispensa de Orta preparada para todas as eventualidades culinárias e médicas⁷³ (Figura 2).

gengibre e mostarda”. Rodrigues, 1693: 180.

⁶⁶ Colóquio 12º: 117.

⁶⁷ *Ibidem*: 219.

⁶⁸ *Ibidem*: 253.

⁶⁹ Garcia de Orta referiu-se a numerosas conservas. De entre elas, destacam-se as de vinagre & sal (*achar*) cravo (Colóquio 25º); a de gengibre (Colóquio 26º); a de mangas (Colóquio 34º); as de mirabólanos (Colóquio 37º); as de marmelos de Bengala (Colóquio 58º) e as de calda de açúcar, como as de frutos (Colóquio 28º), as de noz moscada (Colóquio 32º), as de manga (Colóquio 34º); as de pêssegos (Colóquio 46º); as de raiz da china (Colóquio 47º); as de tamarinho (Colóquio 53º); zerumbete (Colóquio 57º); as de marmelos de Bengala (Colóquio 58º).

⁷⁰ No colóquio 18º, lê-se: “Serva: As curcas que de Cochim vieram, quer Vossa Mercê que lhas façam em caril com a galinha, ou que as lance no carneiro?” *Ibidem*: 174. O estudo da dieta alimentar dos portugueses nos espaços ultramarinos, ultrapassa o âmbito da presente análise. Sobre este tópico, ver os estudos de: Lima, 2014; Castro, 2016; Braga, 2020.

⁷¹ “[Ruano:] Queixando-me da relaxação e molifi[ca]ção das gengivas, me disse a vossa cozinheira que comesse betre e areca e cate, tudo misturado, e mais me disse que o cate só era melhor que tudo; e provei-o, e te[m] um sabor estíptico e amarga alguma coisa. E disse-me também que sabia muito bem a água bebida sobre ele; e provei-a, e não me soube tão bem como isso, pelo sabor amargós; entonces me disse que com a mistura do betre e areca sabia muito bem. E certo que a mim me parece muito boa mezinha para dessecarem e apertarem, [...]”. *Ibidem*: 247.

⁷² “[Ruano:] Nenhuma especiaria se pode comer com gosto senão canela. Verdade é que os alemães e flamengos vejo comer pimenta, e aqui estas vossas negras vejo comer cravo; mas os espanhóis não comem destas especiarias senão canela. E veio-me isto à memória porque os comeres cheiravam muito a ela, e não a vi, e perguntei à cozinheira se a levavam ao cozer, e disse-me que não, senão que muitos comeres iam temperados com água de canela”. *Ibidem*: 140.

⁷³ Sobre a relevância das cozinhas como espaços de transmissão de saberes e práticas locais, ver: Zimmermann, 1989: 49-76.



Figura 2. Primeira imagem impressa da planta da canela⁷⁴.

Foi também muito curiosa a perspicácia que Orta registou nestas mulheres que lhes permitia identificar as preferências e os gostos alimentares dos portugueses. De forma algo inesperada, as compradeiras descritas por Orta reconheciam os frutos que agradavam aos forasteiros que o visitavam. Segundo descreveu, as patecas de Chaul e/ou de Dabul (Genero *Citrulus*) seriam mais adequadas ao paladar dos portugueses do que os melões da Índia:

Ruano: Não sejam de uns melões que aqui vi em casa, que me enganaram, porque me cheiram ao mais fino melão do mundo, e quando o provei achei-o de sabor de lama. E a causa foi uma vossa compradeira que me enganou: perguntando-lhe eu se era bom, disse-me que sim, e eu, porque vejo nesta terra pepinos como os de Portugal, pareceu-me que também haveria melões como os nossos. Orta: Ela falou-vos segundo seu gosto, e como pessoa que não comera melões em Europa⁷⁵.

Orta aludiu também ao trabalho das *daias*⁷⁶, mulheres práticas e sabedoras, que conheciam as virtudes das plantas indianas e que, socorrendo-se do seu saber e de mezinhas secretas, ajudavam as gestantes ou parturientes, ao longo das gravidezes e durante os partos. Ao longo da obra, o médico aludiu a várias plantas locais usadas nas diferentes fases do ciclo reprodutivo das mulheres, fosse as que auxiliavam na gravidez e nos partos ou as que proporcionavam a expulsão da placenta ou do feto.⁷⁷

Garcia de Orta, recorreu assim, à voz das mulheres para fazer fluir para *Colóquios* os saberes locais. Tal é o que sugerem as intervenções das servas que recomendam os usos medicinais do mungo (*Vigna mungo* L.)⁷⁸, do negundo (*Vitex negundo* L.)⁷⁹ ou dos frutos que as moças preparavam. Não fosse o olhar atento do interlocutor *Ruano*, e o ber (*Ziziphus jujuba* Mill.) ou os

⁷⁴ Fonte: Costa, 1578: 2 (BNP, RES 4055). A canela, pelo seu sabor, aroma e qualidades medicinais, era muito procurada pelos boticários e médicos. Para além de ser utilizada na produção de electuários, trociscos, emplastos, ou noutras formulações terapêuticas, no Ocidente apenas as mesas mais ricas a podiam servir.

⁷⁵ Colóquio 36°.

⁷⁶ “as parteiras (a que chamam *daias*), e têm cá ofício de físicos”. *Ibidem*: 207.

⁷⁷ Sobre a saúde das mulheres, Orta avançou alguns usos locais, como por exemplo: “Orta As mulheres usam muito dele [cálamo aromático] para as paixões da madre e para as enfermidades dos nervos”. *Ibidem*: 111; “Orta: As mulheres o têm [o negundo] por muito bom para preparar a madre para conceber, e dizem que bebido faz este mesmo efeito”. *Ibidem*: 289.

⁷⁸ “Serva: Aquela moça que trouxestes do Decão pede-me mungo, e diz que em sua terra lho davam a comer tirada a casca, e cozido dar-lho-ei assim. Orta: Dai-lho a comer, pois que o deseja [...]”. *Ibidem*: 278.

⁷⁹ “[Ruano:] Gabam muito estas vossas negras uma árvore que dizem que nós lavamos aqui sempre os pés com o cozimento dela, e dizem que aproveita para tantas coisas que estou pasmado. Orta: Parece-me

brindões (*Garcinia indica* (Thouars) Choisy) que as moças preparavam teriam tido mais dificuldade em entrar na narrativa ortiana⁸⁰. A presença daquelas mulheres revelava-se, assim, essencial, para que Orta tivesse a possibilidade de inscrever na sua obra plantas e frutos sobre os quais suspeitava terem utilidade na medicina local apesar de não o ter comprovado pela experiência (Figura 3).



Figura 3. Primeira representação dos brindões num manuscrito português⁸¹.

Para além de colaboradoras ou empregadas, as mulheres participaram também, nos *Colóquios*, como enfermas. Foi neste contexto que Garcia de Orta alertou para os efeitos narcóticos da datura (Solanácea do Género *Datura* L.) tantas vezes usados com fins criminosos contra as mulheres. Foi, aliás, a aflição da empregada de uma “mulher solteira mestiça” que abriu o capítulo dedicado a este produto⁸². Segundo esclareceu, “É a maneira que cá há de roubar é deitando-lhe esta mezinha no comer, porque os faz estar com este acidente vinte [e] quatro horas”⁸³. Apercebendo-se da urgência em socorrer esta doente, os dois físicos dirigiram-se apressadamente para a sua casa. Orta aproveitou a ocasião para pôr o seu interlocutor a par de algumas práticas comuns naquela região mas relativamente às quais manifestava reservas⁸⁴. Dando nota ao seu colega destes hábitos que pensava serem condenáveis pelos europeus, mas que assegurou, nunca ter usado – “porque não me conformei com minha consciência a fazê-lo” – Orta aproveitou para descrever alguns costumes locais garantindo que, se fossem oportunamente

que nesta horta está. Venha cá a negra que o gaba. Moça! Serva: Que manda vossa mercê? Orta: Que árvore é esta que gabas muito. Serva: É negundo”. *Ibidem*: 288.

⁸⁰ “Ruano: Parecem tão boas estas maçãs pequenas que comemos agora à mesa, que queria muito saber se são maçãs d’anáfega, ou se é fruta diversa; e também queria provar aquela fruta vermelha que comem aquelas moças. Orta: Na derradeira fruta que nomeastes não tendes muita razão de a querer provar, nem menos escrevais dela, porque é muito azeda. Ruano: Pois por isso por via de medicina aproveitará? Orta: Chama-se nesta terra brindões [...]”. *Ibidem*: 102.

⁸¹ Fonte: Erédia, 1612: 11. Os brindões, frutos do brindeiro foram referidos pela primeira vez por Garcia de Orta. Mais tarde, outros autores portugueses que viveram em Goa, como Cristóvão da Costa e Manuel Godinho de Erédia, louvaram as qualidades medicinais destes pequenos frutos indianos.

⁸² Não deixa de ser curioso que esta personagem seja uma “mulher mestiça solteira”. Para além de retomar a questão da presença dos “mestiços” na sociedade portuguesa de Goa, assunto sobejamente discutido por João de Barros, Fernão Lopes de Castanheda ou Brás de Albuquerque, Garcia de Orta descreve esta “solteira” como mulher independente e de quotidiano desafogado, mas incapaz de discernir as intenções de quem a servia.

⁸³ *Colóquio 20º*: 180.

⁸⁴ “E a gente desta terra não tem isto por coisa perigosa, nem se tem por ruindade fazer-se, senão quando se faz com mau fim. Muitos o fazem por zombar d’alguma pessoa, e eu vi dois homens, o mais moço deles era de 50 anos, a quem os filhos do Nizamoxá a deram para zombar dele, e um era caçador e outro era mestre de fazer frechas e arcos, e ambos curei, e ambos foram sãos, sem depois lhe[s] sentir eu dano algum no cérebro ou miolo”. *Ibidem*: 181.

socorridos, seriam remediáveis⁸⁵. Este olhar de Orta, que descrevia mas não ajuizava os vícios locais, surgiu noutros momentos da sua obra e, regra geral, as mulheres surgiam como protagonistas – fosse como vítimas ou como acusadas. Neste último caso, recorda-se a passagem relativa aos diamantes.

Orta: E mais eu conheci uma mulher que, tendo o marido enfermo de umas câmaras anti-gas e aborrecendo-lhe muito a doença comprida, lhe mandou comprar diamães moídos e lhos deu ta[n]tos dias (sem morrer) que se enfadou, e depois lhos deixou de dar, porque lhe certificaram que não podia escapar da enfermidade, e assim, sem os tomar mais dias, morreu muito tempo depois⁸⁶.

Apesar da aplicação de pedras moídas não ter tido o efeito esperado, o que é certo é que a mulher pretendia libertar-se do marido. Mas não se pense que em Goa todas as mulheres pretendiam eliminar os seus companheiros. Como os viajantes e cronistas portugueses já haviam notado, as mulheres consumiam diversas drogas e mezinhas para agradar aos seus maridos. Como confirmou depois o médico, algumas apresentavam-se aos seus companheiros animadas, tomando, para tal, o bangué (*Cannabis L.*)⁸⁷ –ou mastigando o betre para estarem “prazerosas” e com bom hálito⁸⁸. Para além disso, as mulheres apresentavam-se bem cheirosas:

Ruano: Sempre até agora tinha para mim que era água de flor de laranja, e a gente desta terra é muito dada a cheiro[s], e por isto se diz que é inclinada a Vénus. Orta: É-o em tanta maneira que deixam de comer o que têm para o gastar em cheiros, assim como sândalo, que é muito comum para untar o corpo, e linaloés, e quem mais pode, âmbar e almíscar, e algália, a qual é mais usada porque o preço não é tão alto, e a causa é por os muitos gastos que há em muitas partes da Índia, e usam desta algália em dores de humor frio, untando a parte que dói com ela⁸⁹.

Orta reconheceu que muitos portugueses já haviam adoptado o uso de masticatórios e de outros produtos com propriedades afrodisíacas, revelando a aculturação de alguns soldados, funcionários régios e aventureiros às práticas locais⁹⁰. Mercadorias importadas e por isso taxadas, seriam também importantes geradoras de lucro comercial. Apesar de não tecer juízos de valor sobre o seu uso, Garcia de Orta referiu-se à intensa procura de produtos como o âmbar, a assafétida (*Ferula assafoetida L.*), o bangué, o benjoim (*Styrax benzoin L.*) que tanto contribuíam para o sucesso da “conversação com as mulheres”⁹¹.

Era, assim, nos hábitos sociais que Orta encontrava usos que na Europa se poderiam considerar censuráveis. Foi a propósito deles, em particular da prática de cremação das viúvas, que incluiu o colóquio relativo à “árvore triste” (*Nyctanthes arbor-tristis L.*).

Orta: E porque vejais as parvoíces e fábulas desta gentilidade, dizem que esta árvore foi filha de um homem, grande senhor, chamado Parizataco, e que se namorou do Sol, o qual a deixou, depois de ter com ela conversação, por amores doutra, e ela se matou e foi

⁸⁵ Apesar de não os utilizar com fins recreativos Garcia de Orta descreve esta sua aplicação. Sobre a atitude de Garcia de Orta relativamente aos usos locais de algumas plantas com propriedades narcóticas ou estupefacientes, ver: Županov, 2002.

⁸⁶ Colóquio 43^o: 302.

⁸⁷ “E já ouvi a muitas mulheres que quando iam ver algum homem, para estar com chocarrices graciosas, o tomavam”. *Ibidem*: 93.

⁸⁸ “porque nenhuma mulher conversa com homem que o não leve [bete] mastigado na boca”. *Ibidem*: 399.

⁸⁹ *Ibidem*: 79.

⁹⁰ Sobre os códigos sociais e práticas da sociedade luso-goesa, ver Boogaert, 2003.

⁹¹ Orta refere amiúde o recurso das gentes locais (e dos portugueses) a produtos com propriedades afrodisíacas que seriam usadas nas “festas de Vénus” ou na “conversação das mulheres”. Foi, por exemplo, o caso do amomo (Colóquio 4^o); das cubebas (Colóquio 19^o), do durião (Colóquio 20^o), do amfião (Colóquio 41^o), da pedra bezoar (Colóquio 45^o), ou do betre (Colóquio 59^o)

queimada (como nesta terra se costuma), e da cinza se gerou esta árvore, as flores da qual aborrecem ao Sol, que em sua presença não aparecem⁹².

A alusão a esta tradição secular enquadrava-se na obrigação local de cremar a mulher-viúva com o corpo do seu falecido marido sendo repudiada pela sociedade caso se recusasse a fazê-lo. Apesar de não ter falado especificamente da questão do *sati*, há muito que este costume intrigava os viajantes europeus⁹³. Ainda na relação com o luto, por morte de familiares ou entes próximos, afirmou Orta que, em sinal de desgosto, as mulheres quebravam todas as manilhas que possuíam⁹⁴. O dispêndio em marfim era, desta forma, importante, não apenas pela produção de peças de elevado valor artístico mas também pelo amplo consumo que dele era feito na sociedade indiana.

4. Notas finais

Para concluir, esta breve análise relativa à presença feminina nos *Colóquios dos Simples* sugere-nos que, na perspectiva de Orta, as mulheres desempenhavam na sociedade luso-goesa múltiplos papéis. Na sua casa, eram elementos imprescindíveis que, para além de zelarem pela sua privacidade e bem-estar, eram o garante do desempenho das tarefas quotidianas e do apoio da sua actividade clínica. Interessado no acesso ao conhecimento sobre os produtos locais, Orta terá recorrido aos saberes e tradições das suas empregadas e cozinheiras de quem aprendeu a preparar e aplicar algumas drogas usadas na medicina local.

Fora de portas, as mulheres espelhavam os comportamentos da sociedade luso-goesa, nomeadamente as consequências directas que os seus hábitos sociais tinham na sua actividade médica. Tal parece ser o caso da visita urgente à mulher solteira envenenada com datura pela sua escrava; as múltiplas referências aos consumos de produtos com propriedades afrodisíacas ou a alusão a doenças causadas pelo “excessivo uso das mulheres”.

Também a aquisição de produtos destinados ao bem-estar quotidiano ou ao cuidado urgente de pacientes seriam reveladores do auxílio que as mulheres desempenhavam nas curas praticada em Goa.

Pela sua participação no dia-a-dia dos residentes em Goa, a presença feminina em *Colóquios dos Simples*, mais do que um mero elemento de cenografia, constituía uma faceta da experiência clínica do médico no Oriente. Cada uma das interlocutoras que incluiu na sua narrativa era, afinal, o sinal visível da sua vivência indiana que, para além de reflectir a realidade, evocava o trabalho e saber de cada moça, empregada, serva e cozinheira que, ao longo de três décadas acompanhou o médico no seu quotidiano.

5. Referências bibliográficas

- Arrizabalaga, Jon. “Garcia de Orta in the context of the Sephardic Diaspora”. Em *Medicine, Trade and Empire: Garcia de Orta's Colloquies on the Simples and Drugs of India in Context*. Organizado por Costa, Palmira Fontes. Nova Iorque: Routledge, 2016, 11-32.
- Azevedo, Carlos. “Um artista italiano em Goa. Plácido Francesco Ramponi e o túmulo de S. Francisco Xavier”. *Sep. Garcia de Orta* (1956), 277-317.

⁹² *Ibidem*: 80.

⁹³ Já na Antiguidade, Diodoro Sículo (sec I A.C.) e Estrabão (sec. I A.C.) haviam mencionado esta tradição de raiz hindu. Com as viagens dos europeus, surgiram novos relatos. Foi o caso do testemunho de Conti, 2004: 136-137; Varthema, 2004: 193-195; Pires, 2017: 103; Barbosa, s/d.: 92. Também nas colectâneas de viagens, como as de Montalboldo (1508) tinha sido referida esta temática.

⁹⁴ “Orta: ... E é que quando morre algum parente, quebram as mulheres todas as manilhas que têm nos braços, as quais são vinte ou menos, e logo fazem outras novas como tiram o dó, e estas manilhas são de marfim todas, posto que algumas são de tartaruga. E isto ordenou o demónio porque se gastasse tanto marfim que vem da Etiópia cada ano, e sempre se gastará enquanto esta superstição durar.” *Colóquio 21º*: 186.

- Baboi, Oana. “Experiências das hervas orientaes”: um inventário quinhentista de matéria médica indiana”. Em *Medicina e Império em Goa. Do conhecimento das plantas à biopolítica colonial*. Organizado por Bastos, Cristiana. Lisboa: ICS. 2022, 59-88.
- Barbosa, Duarte. *Livro de Duarte Barbosa*. Introdução e notas de Águas, Neves. Mem Martins: Publicações Europa América. s/d.
- Barreto-Xavier, Angela. *A Invenção de Goa. Poder Imperial e Conversões Culturais nos Séculos XVI e XVII*. Lisboa: ICS, 2008.
- Barreto-Xavier, Ângela. “Gaspar de Leão e a recepção do Concílio de Trento no Estado da Índia”. Em *O Concílio de Trento em Portugal e as suas consequências*, editado por Gouveia, António Camões – Barbosa, David Sampaio – Paiva, José Pedro. Lisboa: Universidade Católica. Centro de Estudos de História Religiosa, 2014, 133-156.
- Bastos, Cristiana. “Medicine, colonial order and local action in Goa”. Em *Crossing Colonial Histories: Histories of Colonial and Indigenous Medicines in Transnational Perspective*, editado por Digby, Anne – Waltraud, Ernst – Projit B. Mukharji. Cambridge: Cambridge Scholars Press, 2011, 185-212.
- Bontius, Jacob. *De medicina indorum*. Leiden: Francis Hack, 1642.
- Boogaart, Ernst van der. *Civil and Corrupt Asia. Image and Text in the Itinerario and the Icones of Jan Huygen van Linschoten*. Chicago: University of Chicago Press, 2003.
- Boxer, Charles Ralph. *Two Pioneers in Tropical Medicine: Garcia d’Orta and Nicolas Monardes*. Londres: Wellcome Historical Medical Library, 1963.
- Braga, Isabel Drumond. “Entre a cozinha e a botica: alguns receituários culinários portugueses da Época Moderna”. *Akra Barbarisa*, vol. 4 (2020), 160-175.
- Brentjes, Sonja. “Issues of best historiographical practice: Garcia de Orta’s *Colóquios dos simples e drogas e coisas medicinais da Índia* (Goa, 1563) and their conflicting interpretation”. Em *The Globalization of knowledge in the Iberian Colonial World*, editado por Wendt, Helge. Berlin: Edition Open Access/Max Plank Institute for the History of Science, 2016.
- Cagle, Hugh. *Assembling the tropics: Science and Medicine in Portugal’s Empire, 1450-1700*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- Carita, Helder. *Palácios de Goa, Modelos e tipologia de arquitectura civil indo-portuguesa*. Vol. I. Lisboa: Quetzal, 1995.
- Carita, Helder. “A arquitectura civil indo-portuguesa e as famílias Brâmanes e Chardós católicas”. Em *Histórias de Goa*, coordenado por Perez, Rosa Maria – Sardo, Susana – Pais de Brito, Joaquim Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, 1997, 187-202.
- Carvalho, Augusto Silva. “Garcia d’Orta”. *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. 12 (1934), 61-246.
- Carvalho, Teresa Nobre de. “*Colóquios dos Simples* de Garcia de Orta: Conversas no interior da Índia”. Em *Garcia de Orta e Alexandre von Humboldt. Errâncias, Investigações e Diálogos entre Culturas*, coordenado por Mendes, Anabela – Fragoso, Gabriela. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2008, 165-175.
- Carvalho, Teresa Nobre de. “A apropriação de *Colóquios dos Simples* por dois médicos ibéricos de Quinhentos”. Em *Percurso na História do Livro Médico (1450-1800)*, organizado por de Costa, Palmira Fontes – Cardoso, Adelino. Lisboa: Colibri, 2011, 59-72.
- Carvalho, Teresa Nobre de. “Local knowledge in Portuguese words. Oral and manuscript sources of the *Colloquies on the Simples* by Garcia de Orta”. *Journal Host*, (2013), 13-28.
- Carvalho, Teresa Nobre de. *Os Desafios de Garcia de Orta. Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*. Lisboa: Esfera do Caos, 2015a.
- Carvalho, Teresa Nobre de. “Estratégias, patronos e favores em *Colóquios dos Simples* de Garcia de Orta”. Em *Humanismo e Ciência: Antiguidade e Renascimento*, coordenado por Andrade, António Manuel Lopes – Mora, Carlos de Miguel – Torrão, João Manuel Nunes. Aveiro, Coimbra, São Paulo: UA Editora – Universidade de Aveiro, Imprensa da Universidade de Coimbra, Annablume, 2015b, 63-94.
- Carvalho, Teresa Nobre de. “A behind-the-scenes glimpse into the princeps edition of *Colóquios dos Simples* (Goa, 1563)”. *Early Science and Medicine*, vol. 21, nº 2-3 (2016): 323-351.

- Carvalho, Teresa Nobre de. "From fieldwork to books. The circulation of novelties collected by Portuguese imperial agents in early modern botanical treatises". Em *Peoples, Nature, and Environments: Learning to Live Together*, direcção por Roque, Ana Cristina – Brito, Cristina – Verancini, Cecília. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2019, 252-265.
- Carvalho, Teresa Nobre de. "Erros..que dan enfado al quello lee'. Algumas considerações em torno da errata de *Colóquios dos Simples* (Goa, 1563) de Garcia de Orta". Em *Garcia de Orta. Ciência, Religião e Cultura*, organizado por Barreto, Luis Filipe – Reis, Maria de Fatima. Lisboa: Catedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste, 2021, 97-124.
- Carvalho, Teresa Nobre de. "Os Diálogos entre Ruano e Orta sobre as frutas e legumes do Oriente: os testemunhos de uma outra face da Ásia". Em *Medicina e Império em Goa. Do conhecimento das plantas à biopolítica colonial*, organizado por Bastos, Cristiana. Lisboa: ICS, 2022, 31-57.
- Castro, Inês de Ornellas e. "A pleasant banquet of words': therapeutic virtues and culinary consumption in Garcia de Orta's *Colloquies on the Simples and Drugs of India*". Em *Medicine, Trade and Empire: Garcia de Orta's Colloquies on the Simples and Drugs of India in Context*, organizado por Costa, Palmira Fontes. Nova Iorque: Routledge, 2016, 67-88.
- Conti, Nicolo de. *Le voyage aux Indes de Nicolò de Conti (1414-1439)*. Introdução de Bouchon, Geneviève – Amilhat-Szary, Anne-Laure Paris: Editions Chandeigne, 2004.
- Costa, Cristóvão/Acosta, Cristobal, *Tractado de las drogas y medicinas de las Indias Orientales*. Burgos: Martin de Victoria, 1578.
- Couto, Dejanirah. "Rome vue de l'Empire portugais : Manuel Godinho de Erédia (1558?-1623) et sa *Suma de Árvores e Plantas da Índia intra Gangez*". *Cuadernos de Historia Moderna*, vol. 48, nº 2, (2023), 417-448.
- Curto, Diogo Ramada. "Representações de Goa: descrições e relatos de viagem". Em *Histórias de Goa*, coordenado por Perez, Rosa Maria – Sardo Susana – Pais de Brito, Joaquim. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, 1997, 45-86.
- D'Cruz, Sharon. "Documenting the medical-botanical traditions of India: the *Colóquios* of Garcia de Orta". Em *Garcia de Orta and Alexander von Humboldt across the East and the West*. Coordenado por Mendes, Anabela. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009: 45-58.
- Egmond, Florike – Hoftijzer, Paul – Visser, Robert. *Carolus Clusius: Towards a Cultural History of a Renaissance Naturalist*. Amesterdão: KNAW, 2007.
- Erédia, Manuel Godinho de. *Suma de Árvores e Plantas da Índia intra Ganges*. Goa, 1612.
- Erédia, Manuel Godinho de, *Suma de Árvores e Plantas da Índia Intra Ganges*, edição de Everaert, John – Ferrão, Eduardo Mendes – Liberato, Maria Cândida, Lisboa Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimientos Portugueses, 2001.
- Figueiredo, João Manuel P. de. "Ayurvedic medicine in Goa according to European sources in the sixteenth and seventeenth centuries". *Bulletin of the History of Medicine*, vol. 58, nº 2 (1984), 225-235.
- Fragoso, João. *Discurso de las cosas aromaticas que traen de las Indias Orientales*. Madrid: Francisco Sanchez, 1572.
- Friedenwald, Harry. "The medical pioneers in the East Indies". *Bulletin of the History of Medicine*, IX, nº 5 (1941), 487-501.
- Gaitonde, Pundalik Dattatreya. *Portuguese Pioneers in India. Spotlight on Medicine*. Bombaim: Popular Prakashan, 1983.
- Gracias, Fatima Silva. *Health & Hygiene in colonial Goa, 1510-1961*, Nova Deli: Concept Publishing, 1994.
- Grove, Richard. "The transfer of botanical knowledge between Asia and Europe 1498-1800". *Journal of the Japan-Netherlands Institute*, vol. 3 (1991), 160-176.
- Lach, Donald. *Asia in the making of Europe*, Tomo II, 1994, I [1965].
- Laval, François Pyrard de. *Voyage de François Pyrard de Laval contenant sa navigation aux Indes orientales, Maldives, Moluques, et au Brésil, 1608-1610*. Paris: Editions Candeigne: 1998.
- Leitão, Henrique – Sánchez, Antonio. "Zilsel's thesis, maritime culture, and Iberian science in early modern Europe". *Journal of the History of Ideas*, vol. 78, nº 2 (2017) : 191-210.

- Lima, Dora de. "Saveurs et savoirs du monde : circulations et appropriations de fruits tropicaux dans l'Empire Portugais Atlantique (v.1550-v.1650)". Tese de Doutoramento. Universidade Nova de Lisboa, Sorbonne, 2014.
- Linschoten, Jan Huygen van. *Itinerário. Viagem ou Navegação de Jan Hutgen van Linschoten para as Índias Orientais ou Portuguesas*. Edição de Pos, Arie – Loureiro, Rui Manuel. Lisboa: CNCDP, 1997 [1596].
- Lopes, Marília dos Santos. "A revelação das plantas. Garcia de Orta, Carolus Clusius e as espécies asiáticas na Europa". *Revista de Cultura*, vol. 20 (2006), 28-39.
- Loureiro, Rui Manuel. "Garcia de Orta e os *Colóquios dos Simples*: Observações de um viajante sedentário". Em *Garcia de Horta e Alexandre von Humboldt. Errâncias, Investigações e Diálogos entre Culturas*, organizado por Mendes, Anabela – Fragoso, Gabriela. Lisboa, Universidade Católica Editora, 2008: 135-145.
- Loureiro, Rui Manuel. "Information networks in the Estado da India, a case study: was Garcia de Orta the organizer of *Codex Casanatense 1889?*". *Anais de História de Além-Mar*, vol. 14 (2012), 41-72.
- Loureiro, Rui Manuel. "Algumas notas sobre os herdeiros intelectuais de Garcia de Orta (1563-1596): Clusius, Fragoso, Costa e Linschoten". Em *Garcia de Orta. Ciência, Religião e Cultura*, organizados por Barreto, Luis Filipe – Reis, Maria de Fatima. Lisboa: Catedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste, 2021, 47-82.
- Lourenço, Miguel Rodrigues. "De Castelo de Vide ao Mandovi: Catarina de Orta entre duas inquisições". *Misericórdia de Braga*, vol. 14 (2018), 226-232.
- Lourenço, Miguel Rodrigues – Mateus, Susana Bastos – Vieira, Carla, (eds.) *O processo de Catarina de Orta na Inquisição de Goa (1568-1569)*. Lisboa: Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste, 2019.
- Lourenço, Miguel Rodrigues. "A Inquisição de Goa e a família de Garcia de Orta". Em *Garcia de Orta. Ciência, Religião e Cultura*, organizados por Barreto, Luis Filipe – Reis, Maria de Fatima. Lisboa: Catedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste, 2021, 27-46.
- Mannuci, Niccolao. *Histoire générale de l'Empire du Mogol depuis sa fondation jusqu'à présent sur les mémoires portugais de M. Manouchi, Venitien*. Tradução de Catrou, F. Paris: 1705. [1698-1699].
- Mathew, Kuzhippalli Skaria (ed.). *Indian Ocean and cultural interactions (1400-1800)*. Pondichery: University, 1996.
- Mathew, Kuzhippalli Skaria. "The Portuguese and the study of medicinal plants in India in the sixteenth century". *Indian Journal of History of Science*, vol. 32, nº 4 (1997), 369-376.
- Matôso, António. "A Vida no Oriente Português no Século XVI através dos *Colóquios* de Garcia de Orta". *Memórias e Publicações Apresentadas ao Congresso da História dos Descobrimentos e Colonização*. Tomo 2. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, 1940, 65-95.
- Orta, Garcia de. *Colóquios dos Simples, e Drogas he Cousas Mediçinais de India*. Goa: Joannes de Endem, 1563.
- Orta, Garcia de. *Colóquios dos Simples*, coordenado por Fiolhais, Carlos – Paiva, Jorge. Maia: Círculo de Leitores, 2018.
- Orta, Garcia de. *Colóquios dos Simples e Drogas e Coisas Medicinais da Índia*, editado por Loureiro, Rui Manuel e Carvalho, Teresa Nobre de. Lisboa: CESAB, 2024.
- Pardo-Tomas, José. "East Indies, West Indies: Garcia de Orta and the spanish treatises on exotic materia medica". Em *Medicine, Trade and Empire: Garcia de Orta's Colloquies on the Simples and Drugs of India in Context*, organizado por Costa, Palmira Fontes da. Nova Iorque: Routledge, 2016, 195-212.
- Pearson, Michael. "First contacts between Indian and European medical systems: Goa in the sixteenth century". Em *Warm Climates and Western Medicine: The emergence of Tropical Medicine, 1500-1900*, organizado por Arnold, David. Amesterdão: Editions Rodopi, 1996, 20-41.
- Pearson, Michael. "Hindu medical practice in sixteenth-century Western India: evidence from warm climates and Portuguese sources". *Portuguese Studies*, vol. 17 (2001), 100-113.

- Pimentel, Juan – Soler, Isabel. "Painting naked truth: the *Colóquios* of Garcia de Orta (1563)". *Journal of Early Modern History*, vol. 18, nº 1-2 (2014), 101-120.
- Pires, Tomé. *Suma Oriental*. Edição de Loureiro, Rui Manuel. Lisboa: CCCM e Fundação Jorge Álvares, 2017.
- Rodrigues, Domingos. *Arte de cozinha*, Lisboa, 1693.
- Santos, Catarina Madeira, *Goa é a chave de toda a Índia. Perfil político da capital do Estado da Índia (1505-1570)*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.
- Soler, Isabel – Pimentel, Juan. "Garcia de Orta: Notas sobre la frontera de la ciencia Renascentista". Em *Traducción y representación del conflicto desde España y America. Una perspectiva interdisciplinar*, editado por Alonso Araguás, Iciar – Paéz Rodríguez, Alba – Samaniego Sastre, Mario. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2015, 89-106.
- Subrahmanyam, Sanjay. "O romântico, o oriental e o exótico: notas sobre os portugueses de Goa." Em *Histórias de Goa*, coordenado por Perez, Rosa Maria –Sardo, Susana – Pais de Brito, Joaquim. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, 1997, 29-44.
- Tavernier, Jean Baptiste. *Les Six Voyages de Jean Baptiste Tavernier, Ecuyer, Baron d'Aubonne, qu'il a fait en Turquie, en Perse, et aux Indes*. Paris: Gervais Clouzier & Claude Barbin: 1675.
- Valle, Pietro della. *Viaggi di Pietro Della Valle il pellegrino*. Roma: V. Mascardi, 1650-1658.
- Varthema, Ludovico de. *Voyage de Ludovico de Varthema en Arabie & aux Indes orientales (1503-1508)*. Tradução de Teyssier, Paul. Paris: Editions Chandeigne, 2004.
- Walker, Timothy. "Acquisition and circulation of medical knowledge within the early modern Portuguese colonial empire". Em *Science in the Spanish and Portuguese Empires, 1500-1800*, organizado por Bleichmar, Daniela – Vos, Paula de – Huffine, Kristine – Sheehan, Kevin. Stanford: Stanford University Press 2009, 247-270.
- Walker, Timothy. "Enduring echoes of Garcia da Orta: the Royal Hospital gardens in Goa and evolving hybridization in Portuguese colonial medical culture". Em *Medicine, Trade and Empire: Garcia de Orta's Colloquies on the Simples and Drugs of India in Context*, organizado por Costa, Palmira Fontes da. Nova Iorque: Routledge, 2016, 213-236.
- Zimmermann, Francis. *Le discours des remèdes au pays des épices. Enquête sur lamédecine hindoue*. Paris: Payot, 1989.
- Županov, Ines. "Drugs, health, bodies and souls in the tropics: medical experiments in the sixteenth century Portuguese India". *The Indian Economic and Social History Review*, vol. 39 (2002), 1-43.
- Županov, Ines. "Botanizing in Portuguese India: Between errors and certainties (16th-17th centuries)". Em *Garcia de Orta and Alexander von Humboldt across the East and the West*, coordenado por Mendes, Anabela. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009a, 21-30.
- Županov, Ines. "Whell of torments: Mobility and Redemption in Portuguese Colonial India". Em *Cultural Mobility: A Manifesto*, ed. Greenblatt, Steven. Cambridge: Cambridge University Press, 2009b, 24-74.
- Županov, Ines. "Garcia de Orta's *Colóquios*: Context and the afterlife of a dialogue". Em *Medicine, Trade and Empire. Garcia de Orta's Colloquies in the Simples and Drugs of India (1563) in context*, organizado por Costa, Palmira Fontes da. Farnham, Ashgate, 2016, 49-66.
- Županov, Ines – Barreto Xavier, Ângela. *Catholic Orientalism. Portuguese Empire, Indian Knowledge, 16th-18th Centuries*. Nova Deli: Oxford University Press, 2015.